



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
CAMPUS DE BAGÉ

***NIKETCHE - UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA  
CHIZIANE  
A AUTORIA FEMININA E SEUS REFLEXOS NA ESCRITA  
LITERÁRIA***

Andréia Braitbach

Trabalho de Conclusão de Curso

Bagé – RS

2013

**ANDRÉIA BRAITBACH**

***NIKETCHE - UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA  
CHIZIANE***  
**A AUTORIA FEMININA E SEUS REFLEXOS NA ESCRITA  
LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Área de concentração: Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Míriam Denise Kelm

Bagé - RS

2013

**ANDRÉIA BRAITBACH**

***NIKETCHE - UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA  
CHIZIANE***  
**A AUTORIA FEMININA E SEUS REFLEXOS NA ESCRITA  
LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.  
Área de concentração: Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Míriam Denise Kelm

Trabalho defendido e aprovado em: 14/05/2013

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Míriam Denise Kelm

Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto Corrêa

Letras - Unipampa

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo

Letras- Unipampa

## DEDICATÓRIA

À minha família, motivo pelo qual acreditei e nunca desisti deste sonho de trabalhar com a Literatura.

A todos da E.M.E.F. Prof. Peri Coronel; também da E.E.E.M. Prof. Leopoldo Maieron (CAIC), escolas que tive o prazer de prestar estágios.

Aos meus alunos, pelo incentivo e carinho de sempre.

À todas as mulheres, que assim como a escritora Paulina Chiziane, não desistem de seus sonhos e lutam por eles, através da escrita literária ou como for.

## AGRADECIMENTOS

À professora Míriam Kelm pela orientação, compreensão e apoio na realização deste trabalho.

À minha mãe Elizabeth pelo apoio aos meus estudos ao longo destes anos de universidade.

À minha filha Samantha, que apesar de tão pequena, teve que aprender a me dividir com os livros.

Ao meu irmão Chesne pelo apoio sempre.

À minha irmã de coração e comadre, Josiane pelo apoio e pelas broncas.

Aos meus poucos, mas preciosos amigos, em especial ao Alessandro, pela ajuda em vários momentos da vida acadêmica.

À Isabel Daiana, colega e amiga responsável pelo resumo deste trabalho.

À professora Zíla por ter me dado a oportunidade de conhecer a obra que deu nome a este trabalho.

À professora Clara Dornelles, com a qual muito aprendi da prática docente, através dos estágios.

Aos colegas de curso pelo convívio e amizade em diversos momentos.

Especialmente às colegas Nara, Márcia e Lílian.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para minha chegada até aqui.

“Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém mais o fará da forma como elas desejam.”

**PAULINA CHIZIANE**

## RESUMO

Pretendemos através deste trabalho, analisar a representação da mulher moçambicana na obra de Paulina Chiziane, *Niketche – uma história de poligamia* (2002). Abordaremos temas como a luta pela identidade e independência da mulher moçambicana, o papel da escrita de autoria feminina nesta construção e, através da análise da obra, identificaremos algumas diferenças culturais entre as mulheres e os costumes das regiões norte e sul de Moçambique e suas implicações nos conflitos existenciais apontados na obra. Avaliaremos a importância da obra, configurada neste que é o primeiro romance autoral feminino moçambicano, por ser uma escrita com características diferentes da literatura tradicional, por abordar a subjetividade e por, de alguma maneira, influenciar na conquista da independência e identidade das mulheres. Vamos mergulhar no universo narrado pela autora, e deste modo, transitaremos neste espaço em que a mulher conta a sua história, dando voz as suas próprias experiências e seu inconsciente, antes silenciados pela cultura dominante.

**PALAVRAS – CHAVE:** literatura moçambicana; identidade; autoria feminina; Paulina Chiziane.

## RESUMEN

Hemos pretendido a través de este trabajo, analizar la representación de la mujer moçambicana en la obra de Paulina Chiziane, *Nicketche – Una historia de poligamia* (2002). Enfocaremos en los siguientes temas: la lucha por la identidad y la independencia de las mujeres moçambicanas, el papel de la escrita de autorías femeninas en esta construcción. A través del análisis de la obra, identificaremos algunas distinciones culturales entre las mujeres y los costumbres de las regiones norte y sur de Moçambique y también sus implicaciones en los conflictos existenciales apuntados en la obra. Haremos una evaluación en la importancia de la obra configurada en este que es el primer romance autoral femenino moçambicano, por tener una escrita con características distintas de la literatura tradicional, por enfocar la subjetividad y por, de alguna manera haber tenido influencia en la conquista de la independencia y de la identidad de las mujeres. Vamos viajar en el universo narrado por la autora, y de este modo, transitaremos en este espacio en que la mujer cuenta su historia, dando así voz a sus propias experiencias y su inconsciente, antes silenciados por la cultura dominante.

**PALABRAS-CLAVE:** literatura moçambicana; identidad; autoría femenina; Paulina Chiziane.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A MULHER MOÇAMBICANA: LUTA PELA INDEPENDÊNCIA E IDENTIDADE....	13
1.1. MULHERES EM NIKETCHE: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES.....	19
2. A MULHER MOÇAMBICANA: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE.....	27
2.1 TENSÕES NA VIDA COTIDIANA – COSTUMES.....	27
3. A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA.....	32
3.1. TENSÕES NA PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	36
3.2 A ESCRITA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	46

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo a ficção de autoria feminina representada na obra *Niketche - uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane (2002). No decorrer deste trabalho abordaremos temas como: a situação das mulheres das regiões norte e sul de Moçambique, a família, a busca pela identidade feminina e sua luta pela independência na Moçambique pós-colonial, e avaliaremos a representatividade da escrita de autoria feminina naquele contexto bem como a sua importância na conquista da autonomia da mulher. Vamos mergulhar no universo das personagens de Paulina Chiziane que consegue, através de sua escrita, nos fazer sentir suas emoções, sua dor, sua tristeza, proporcionando a nós leitores nos sentirmos parte integrante da realidade narrada. Não nos aprofundaremos nos estudos de autores consagrados, mas citaremos alguns autores precursores da história da literatura africana moçambicana.

A palavra *Niketche* faz referência a uma dança erótica que é desempenhada pelas meninas em rituais de iniciação da região norte de Moçambique (províncias de Zambésia e Nampula), extremo oposto de onde mora a personagem principal da narrativa, Rami.

O cenário do romance de Paulina Chiziane é Moçambique, em que a autora questiona os acontecimentos que abrangem o pós-colonialismo. A discussão é acerca dos costumes sócio-culturais que vigoram no país, a cultura tradicional local e aquela que a personagem Rami aprendeu como a “correta”, que é a cultura dos povos do norte (cultura branca ocidental). Moçambique e Europa são os dois mundos de que a autora se utiliza para compreender a condição da mulher em um lugar onde as leis sempre lhes são desfavoráveis.

Rami é da região sul de Moçambique e faz parte de uma parcela da população privilegiada no sentido econômico-social, destoando-se da realidade da maioria das mulheres de seu país. Ela é casada oficialmente há 20 anos com Tony, um alto funcionário da polícia em Maputo, com quem tem 5 filhos. Ao descobrir a traição de

Tony, resolve reconquistá-lo, buscando ajuda de uma conselheira amorosa; neste momento Rami tem noções do que é prazer, assim como conhece as diferenças entre as culturas do norte e do sul de Moçambique. As mulheres do norte tem mais direitos, mais liberdade que as mulheres do sul, que são cercadas pelas rígidas tradições de uma sociedade machista, em que a mulher é inferior ao homem.

A trama familiar de Rami começa quando ela vai ao encontro das outras 4 “esposas” de Tony, espalhadas por partes diferentes do país. A autora faz uma metáfora com essas diferentes mulheres, sugerindo a possibilidade de uma união nacional, em que Tony seria o elo que ligaria estas 5 mulheres diferentes: “...mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional...” (CHIZIANE, 2002, p. 161). Neste trecho identificamos algumas diferenças existentes entre as mulheres da vida de Tony, porém também entendemos que todas, independentemente de sua origem, são vítimas de uma imposição tradicional (marido, família, igreja, cultos) que sempre acabam reprimindo as mulheres. No entanto, na “dança” de Paulina Chiziane, as mulheres se juntam para conquistarem seu espaço na sociedade patriarcal em que vivem, lutando pela sua liberdade e independência. As diferenças entre as culturas das regiões norte e sul, neste caso, não interferem na vida destas mulheres, pois são estas diferenças que se complementam, pois elas precisam umas das outras. A autora passa a imagem de que as mulheres, de mãos dadas, podem mudar seu destino e, quem sabe, o mundo. E na medida em que damos continuidade à leitura da obra, percebemos que a partir da união das mulheres é que a vida das mesmas começa a mudar e elas passam a serem donas de si, libertando-se da dependência masculina, seja no âmbito financeiro ou afetivo.

A vida de muitas mulheres que estão espalhadas pelo mundo todo, por vários momentos, se identifica com a realidade encontrada nas personagens Rami, Saly, Mauá, Julieta e Luísa na obra *Niketche - uma história de poligamia*, de Chiziane.

A autora Paulina Chiziane, uma mulher negra, atuante no meio político, através da FRELIMO (Frente pela Libertação de Moçambique), não aborda apenas questões femininas; também tem interesse em divulgar a história real de seu país por meio de sua escrita, contando aspectos da história e da cultura através da ótica

feminina. Chiziane foi a primeira mulher a lançar uma obra literária em Moçambique, em 1990 com o livro *Balada de amor ao vento*. Com *Niketche - uma história de poligamia* (2002), a autora foi ganhadora do prêmio José Craveirinha (2003), uma das mais importantes distinções em Moçambique.

Em *Niketche*, encontramos Rami na voz da narradora, uma mulher inconformada com um costume que lhe é imposto, em particular a poligamia<sup>1</sup>; com pensamentos que vão além do que lhe é permitido pela cultura moçambicana, resolve lutar a favor de seus próprios direitos como esposa de um marido polígamo.

O texto é uma narrativa popular, não somente por apresentar uma linguagem simples, bastante próxima da oralidade, mas também porque demonstra um grande alcance entre os níveis étnicos, geográficos e culturais. Além de ser divertido, o romance tem um aspecto bastante provocatório, na medida em que aborda questões referentes a gênero e sexualidade e questiona as condições patriarcais impostas. Paulina Chiziane utiliza a história para socializar, questionar sobre o amor, o respeito, a solidão, a tristeza das mulheres naquela sociedade, mostrando a nós, leitores, realidades muitas vezes completamente diferentes das nossas, porém tantas vezes parecidas. A autora mostra uma série de questões, embora não tenha o objetivo de provocar mudanças, mas consegue nos transmitir a dura imposição de uma cultura dominante, deixando as conclusões a cargo do próprio leitor. Observamos um questionamento sobre a condição da mulher, do ser mulher, como lemos na própria introdução da obra, no provérbio: “Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz” (CHIZIANE, 2002, p.8), que entendemos nitidamente a função primordial da mulher, símbolo da fertilidade, que é a da reprodução numa sociedade que, tradicionalmente, considera uma desgraça ser uma mulher infértil.

A escrita de Paulina Chiziane em *Niketche - uma história de poligamia* apresenta a visão da autora em relação a um determinado período da história de Moçambique, em que a escritora usa o texto literário como instrumento, na voz da personagem principal Rami, para fazer conhecer a posição ocupada pela mulher na sociedade atual, inclusive mostrando as situações de confronto social a que as

---

<sup>1</sup> Prática que faz parte da cultura dos povos de várias partes de Moçambique que permite que um homem se case com várias mulheres.

mulheres se submetem em relação ao que a tradição ainda reforça, relativamente ao comportamento feminino.

A importância de nosso trabalho se justifica não apenas por analisarmos uma obra da primeira romancista moçambicana, mas também por ser uma obra do séc. XXI, escrita por uma mulher que encena a cultura do seu povo por outro viés.

## 1. A MULHER MOÇAMBICANA: LUTA PELA INDEPENDÊNCIA E IDENTIDADE

“[...] a identidade nunca existe *a priori*, nunca é um produto acabado; sempre é apenas o processo problemático de acesso de uma imagem de totalidade”  
Homi K. Bhabha

Historicamente Moçambique mostra-nos um quadro igual a muitos países de Terceiro Mundo, onde além de observarmos um alto índice de fome, desemprego e doenças, encontramos também um alto número de analfabetos, mais significativo entre as mulheres, porque estas são duas vezes barradas: por serem mulheres e por serem africanas em países colonizados até a década de 70. A língua oficial do país, a Portuguesa, é falada por apenas 40% da população, sendo privilégio da minoria, excluindo assim boa parte das mulheres. Sendo assim, o direito a expressão literária é quase nulo às mulheres, e leva-nos a entender o porquê de somente após o século XX ter sido reconhecido o trabalho de Paulina Chiziane, em que a autora narra a vivência das mulheres e sua luta pela descoberta de si próprias na sociedade moçambicana, conforme nos diz a personagem Rami em:

Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. A minha alma é minha morada. Mas onde vive a minha alma? (CHIZIANE, 2002, p.90)

A colonização europeia foi um dos motivos para o surgimento de movimentos de descolonização e independência, pois o domínio de base capitalista do colonizador implantou um sentimento de inferioridade aos africanos, tornando a vida degradante. Com a implantação do trabalho assalariado, muitos homens tinham que ausentar-se de seus lares para trabalhar, isto fazia com que as mulheres tivessem que garantir o sustento de toda família. As mulheres também foram recrutadas para

realizarem trabalhos em roças, abertura de estradas e serviços domésticos na casa dos colonizadores. Tal medida era arbitrária a lei colonial, mas era justificada pelas dívidas dos maridos, pais e irmãos das mulheres.

A partir de 1938, os colonizadores passaram a exigir o pagamento de impostos pelos africanos, inclusive pelas mulheres entre 18 e 60 anos, causando uma sobrecarga de trabalho e favorecendo a prostituição como forma de pagamento das dívidas feitas pelos homens. Esse desfavorecimento em relação às mulheres também foi bem marcante na educação, pois até então só a figura masculina tinha acesso. Somente a partir de 1942 é que os líderes dessa burguesia colonial se pronunciaram favoravelmente em relação à inclusão da mulher na escola, embora o interesse fosse o de formar mulheres que fossem boas mães e esposas, seguindo o modelo das mulheres europeias. Com o surgimento da FRELIMO (Frente de Libertação Nacional de Moçambique) em 1962, começaram os movimentos em busca da independência nacional; aconteceram muitos movimentos como greves, nas quais as mulheres participaram em busca de seus direitos como cidadãs: direitos como isenção do trabalho para as mulheres grávidas e com filhos de até 4 anos de idade. Na luta em busca da independência, na Luta Armada em 1971, muitas mulheres participaram, algumas perdendo a vida, como aconteceu com Josina Machel<sup>2</sup>, que se tornou exemplo memorável na história de Moçambique. Na busca de seu bem e de suas famílias, as mulheres acabaram formando seu próprio exército, que recebia treinamento da FRELIMO, que tinha membros com pensamentos mais moderados, assim como aqueles com pensamentos socialistas bastante revolucionários. As mulheres foram essenciais na organização política da FRELIMO, pois elas levavam a população uma visão do que era a guerra, serviam como informantes, enfermeiras, professoras, carregavam armamentos, faziam comida para o exército, tornando-se indispensáveis neste movimento, embora alguns participantes não aceitassem a presença de mulheres. No entanto, ela foi essencial neste movimento, e devido a este fato a FRELIMO definiu também a emancipação da mulher como fator principal na construção da identidade nacional. Encontramos em alguns discursos de Samora

---

<sup>2</sup> Guerrilheira que morreu na Luta Armada em Moçambique no dia 07 de abril de 1971. Este dia tornou-se o dia nacional das mulheres moçambicanas.

Machel<sup>3</sup> o seguinte pronunciamento sobre as condições das mulheres em Moçambique, como escreve Jacimara Souza Santana<sup>4</sup> em artigo publicado em 09/10/2010 na Revista Sankofa (Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana):

A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia de sua continuidade, uma condição de seu triunfo; a revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção de uma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher. Não se pode liquidar só uma parte da opressão (...) como fazer então a Revolução sem mobilizar a mulher? Se mais da metade do povo explorado e oprimido é constituído por mulheres, como deixá-las à margem da luta? A Revolução para ser feita necessita mobilizar todos os explorados e os oprimidos, por consequência, as mulheres também. (Samora Machel)

Apenas no período de independência e pós-independência é que começamos a identificar a participação das mulheres na vida social e política. Juntamente a este fato começam as reflexões sobre as condições e atuações da mulher em sociedade através de órgãos governamentais e não-governamentais. Destacamos desta época organizações como: OMM (Organização das Mulheres Moçambicanas) e o MULEIDE (Mulher, Lei e Desenvolvimento). As mulheres ainda lutam pela igualdade em Moçambique, tanto em família, no mercado de trabalho, nos estudos e no meio político.

A obra *Niketche* possibilita-nos realizar um debate acerca desta luta da mulher na conquista do seu espaço, a sua busca na construção de sua própria identidade, em uma sociedade em que ela, a mulher, simplesmente é a própria imagem da submissão. Sobre este tema nos diz Rita Schmidt: “A literatura feita por

---

<sup>3</sup> Militar moçambicano e líder revolucionário de inspiração socialista que liderou a Guerra da Independência de Moçambique, tornando-se o primeiro presidente do país entre o período de 1975 a 1986.

<sup>4</sup> Mestra em História Social e especialista em Desigualdades Raciais pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), linha de pesquisa: história social da África. É professora de História da África da Universidade do Estado da Bahia e investigadora do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), GT- "Poderes e Identidades na África Subsaariana". Áreas temáticas de atuação: história da África, relações raciais e de gênero.

mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura” (SCHMIDT, 1995, p.188).

Na escrita de Paulina Chiziane encontramos a imagem da mulher submissa, sem vontade própria, a mulher que sofre no seu dia-a-dia, que sofre por amor, pela traição, que ama, que chora, que se vinga, que é muitas vezes torturada pela tradição, mas que apesar de todo esse sofrimento, luta pela sua independência e pela construção de sua identidade.

No decorrer da obra *Niketche - uma história de poligamia*, a imagem de submissão, de objeto sexual e de vítima vai sendo desconstruída. Este processo narrado por Paulina Chiziane simboliza a reconstrução da imagem da mulher que, cansada de lamentar-se, decide erguer a cabeça e construir uma nova história para sua vida. O desejo de mudar a posição de objeto, de submissão que ocupa, de ser apenas uma mulher sem voz em uma sociedade machista, é o que encontramos na personagem Rami, que após descobrir que era apenas uma das mulheres de seu marido Tony, decide lutar juntamente com suas rivais pela independência em suas vidas.

A identidade da mulher moçambicana é um tema ainda bem mais problemático, porque estas foram duplamente colonizadas: tanto no interior das famílias e cultura, submetendo-se aos homens de sua própria família, aos quais deveriam servir, quanto no próprio meio colonial ultramarino, o qual, historicamente, pertencia ao colonizador português. Muitas mulheres moçambicanas, ao serem violadas pelos brancos, foram castigadas, muitas vezes severamente; outras tantas morreram na luta pela independência de seu país.

Falar do tema da identidade, em especial das mulheres moçambicanas, nos leva a refletir acerca das suas condições de vida, que não podiam se expressar, que nem mesmo eram donas de seu próprio destino. A possibilidade de expressar-se através da literatura foi uma conquista que demorou a concretizar-se, pois antigamente às mulheres não era permitido acesso aos estudos, à cultura, a participarem da vida política. Sobre este tema, fala Constância Lima Duarte, no artigo “O cânone e a autoria feminina”, sobre as mulheres instruídas do século XIX, que pertenciam a uma classe social de recursos, mas ao remeter-nos a classes

inferiores, diz: “Nem se cogita mulheres do povo porque é sabido que estas não teriam a menor chance de se tornar escritoras, por maior que fosse sua vocação” (DUARTE, 1997, p.55).

Conforme a citação acima, percebemos que as mulheres não teriam oportunidade na área da literatura, menos ainda se não fizessem parte da alta sociedade.

Inúmeras foram as dificuldades com que as mulheres se depararam por décadas. Foram histórias de sofrimento, de luta, de inferiorização, em busca de um lugar em uma sociedade que não aceitava a concorrência feminina, fosse na área das letras, da política ou das artes.

Indentado: Não se admitia à mulher qualquer iniciativa que lhe permitisse escapar do estreito círculo a que estava confinada. Os espartilhos do preconceito teimavam em mantê-la bem segura e dentro dos limites do espaço doméstico (DUARTE, 1997, p. 56).

Paulina Chiziane, assim como outras escritoras africanas e negras, busca a conquista de sua identidade, uma identidade recriada por ela mesma, e não uma identidade submetida à escravidão ou ao colonizador. Na obra *Niketche - uma história de poligamia* a autora descreve este processo.

A autora ou “contadora de histórias” como ela própria se identifica foi a primeira mulher a publicar uma obra literária em Moçambique; na área política participou ativamente da FRELIMO, em busca da conquista de uma independência nacional. Mas somente através da escrita é que Chiziane, assim como outras escritoras, conseguiram conquistar seu espaço e afirmar sua identidade como mulher que pensa, que sente, que existe. Em *Niketche - uma história de poligamia*, a autora ressalta os sentimentos de abandono, angústia, da fragilidade, injustiça, esperança e alegria de dentro do universo feminino, pois o texto é escrito por uma mulher que escreve conforme pensa dando então voz a todas as mulheres moçambicanas. Na voz de Rami encontramos o confronto de uma mulher com a imposição patriarcal a que está submetida, uma mulher em busca de sua própria identidade, que nem ao menos

sabe quem é. Adentrando no romance *Niketche*, veremos as mulheres de Tony submetendo-se a viver em concubinato para sobreviverem, pois estar na companhia de um homem seria a única opção para elas saírem da condição de extrema pobreza em que viviam. Deste modo as mulheres deveriam servir e obedecer aos homens, e os homens deveriam exigir essa condição da mulher, utilizando-se muitas vezes da violência. A autora Paulina Chiziane ilustra no seguinte trecho esta condição vivida pela mulher moçambicana em seu lar:

Madre nossa que estais no céu, santificado seja vosso nome. Venha a nós o vosso reino – das mulheres, claro -, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos daí hoje e perdoai as nossas ofensas – fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade e inveja – assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles – beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos – mas livrai-nos do mal, Amém (CHIZIANE, 2002, p.68-69).

A diferença que existe entre homens e mulheres é muito significativa; há uma distância que separa um do outro e, na narrativa, temos a possibilidade de enxergar esta diferença. De um lado a mulher deve permanecer em um estado total de silêncio e submissão, deve ser aquela que está ali para servir ao seu marido e à sua família; do outro, o homem aparece como superior, aquele que garante o sustento da família, e é quem detém o direito de mandar e ser servido. Podemos identificar esta diferença quando Rami questiona seu marido a respeito da sua traição: “- Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres” (CHIZIANE, 2002, p.29). O discurso expresso nas palavras de Tony é a representação da visão masculina, baseados no machismo da cultura patriarcal.

O jogo de diferenças repete-se também entre o colonizador e o colonizado e é marcante, porque temos um sujeito que tem o desejo de se fazer superior, enquanto o colonizado deve ficar submisso a ele e, conseqüentemente, não pode afirmar-se como

sujeito que sente, que deseja, vestindo então a máscara imposta pelo colonizador, que é a de submissão em que um apropria-se do outro.

Neste sentido é importante citar os argumentos do pensador britânico Homi Bhabha sobre o processo de identidade: “[...] a questão da identidade nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (1998, p.76). O que aconteceu com o povo moçambicano foi a imposição de culturas, de valores, o que acabou fazendo com que a população perdesse sua própria identidade. Observamos a indignação da personagem Rami ao falar sobre a colonização: “O colonizado é cego. Destrói o seu, assimila o alheio, sem enxergar o próprio umbigo” (CHIZIANE, 2002, p. 45).

Outra questão importante nesta abordagem sobre identidade é a do texto literário servindo como instrumento para tornar públicas as condições de desigualdade, de injustiça, de submissão vivida pelas mulheres. Além disso, a mulher ao saber ler, escrever e posicionar-se socialmente, tendo então meios para sua subsistência e de sua família, passa então a ocupar um espaço significativo perante a sociedade em que vive, alterando substancialmente sua posição cultural e sua inserção na sociedade.

### **1.1. MULHERES EM NIKETCHE: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES**

O povo negro desde os primórdios foi visto, muitas vezes, com desprezo e desvalorizado pelo branco colonizador. E o que podemos dizer das mulheres? Duplamente discriminadas antes e durante o período colonial.

A imagem da mulher moçambicana desde os tempos mais remotos foi dela retirada. A mulher negra e africana simplesmente não tinha o direito de ser ela mesma, não tinha história, não tinha voz, permanecendo assim num estado completo de submissão.

Paulina Chiziane, em *Niketche*, ressalta aspectos diversos que cercam a constituição dos papéis e identidade social da mulher:

Mulher é ciclo da natureza. Perfeito. Completo. No verão ela é sombra frondosa para repousar o cansaço dos grandes guerreiros. No inverno ela emana, do seu corpo, calor imenso, que cobre a terra inteira. Na primavera, ela é a flor de todas as cores que alegra a natureza. No outono, é a semente que se esconde, anunciando primaveras vindouras. O coração do universo inteiro palpita no ventre de uma mulher. (CHIZIANE, 2002, p. 276-277)

Encontramos também a imagem da mulher vista com desprezo pela sociedade, desvalorizada e insignificante, como identificamos na seguinte passagem:

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá a luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças. (CHIZIANE, 2002, p. 101)

Neste trecho reconhecemos a imagem da mulher moçambicana, invisível, que está ali por estar. Que dá luz ao mundo, mas que é ofuscada por “nuvens malditas”. São as imagens de todas as mulheres, que tanto ontem, quanto hoje ou amanhã, não tem perspectivas.

Ainda no romance nos deparamos com a imagem da mulher africana como responsável por todas as desgraças, até mesmo na natureza:

Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza. (CHIZIANE, 2002, p. 36)

Uma questão bastante importante e marcante no romance é a posição da personagem principal Rami, que se sente como uma estrangeira em sua própria casa, por ser uma mulher que é submetida à outra cultura, a outros valores, sentindo-se então num estado total de deslocamento. Este estado de deslocamento também acontece no que diz respeito ao sistema patrilinear que a personagem vive, pois esta, ao aceitar a união matrimonial, passa a viver sob a égide da família do marido.

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome. (CHIZIANE, 2002, p. 90)

Mas diferentemente do que lemos na citação acima, no romance de Chiziane a mulher rompe com este estereótipo de mulher submetida à cultura e ao patriarcalismo. No momento em que as “esposas” de Tony se unem, apesar de fazerem parte de regiões distintas do país, passam a não mais aceitar esta condição de submissão.

Paulina Chiziane também observa a distinção que existe entre as mulheres do norte e do sul de Moçambique; a autora cita exemplos da cultura e a relação entre homem e mulher nas duas regiões do país. A identidade da mulher da região sul do país se dá, além dos fatores autóctones, pela imposição do papel trazido pelos colonizadores portugueses em que cabia à mulher cumprir seu papel de progenitora, servir ao seu marido, mantendo-se submissa, para não ser submetida às penas do seu país. As mulheres do sul em *Niketche* “são grandes de tamanho. Fortes. Boas para o trabalho...tem bacias larga e ancas enormes, boas demais para os partos...”(CHIZIANE, 2002, p.181); já as mulheres do norte são “finas, pequenas, boas para o amor e para o leito. Por isso somos rainhas, os homens são nossos escravos”(CHIZIANE, 2002, p.182). A mulher da região norte é linda, porque “sabe amar, sabe sorrir e sabe agradecer...” (CHIZIANE, 2002, p.37), por isso chama atenção dos homens do sul. A mulher do norte possui voz, possui vez, pode enfeitar-se,

preocupa-se com sua aparência, mas tudo isso porque tem uma finalidade sexual, pois desde muito jovens iniciam-se as orientações para a prática sexual. Na narrativa de Chiziane as diferenças das mulheres do norte e do sul acabam juntando-se e, deste modo, conseguimos compreender o que é ser mulher em um país que vive em constante processo de auto-reconhecimento, pois ao mesmo tempo em que o povo quer manter a tradição, também tem que adaptar-se à modernidade trazida pelos colonizadores. Através da imagem das mulheres de Tony conseguimos vislumbrar estas diferenças, pois cada uma é de um canto de Moçambique, o que justifica o comportamento cultural distinto de cada uma delas.

Rami é a primeira esposa, mulher com características tristes, gorda, com olheiras, que não usa adornos e nem artifícios para embelezar-se, por ser proibido pela cultura de sua região; casada oficialmente com Tony, no entanto é aquela que pelo sistema poligâmico tem o poder, mas ela faz parte da região sul do país, que pratica o casamento monogâmico e ao deparar-se com este costume totalmente contrário àquele que foi acostumada, Rami tem que aprender a lidar com a existência de outras 4 esposas na vida de seu marido e também com as suas diferenças, tanto físicas quanto culturais.

Julieta é a segunda esposa, mulher bonita, gordinha, mas a “enganada”, desde o início por Tony, pois este sempre lhe prometia se separar e ficar com ela. Aparentemente Julieta era a mais frágil das esposas de Tony.

Luísa é a terceira esposa, mulher de voz meiga, sorriso de lua, cabelos defrisados, unhas pintadas, bela e elegante (p. 53), proveniente de Zambésia, na região norte, onde os homens partem e não voltam, tendo que serem divididos os poucos homens entre as mulheres. Para Luísa é comum a união poligâmica, pois em sua região esta prática é costume. A personagem é uma mulher forte e prática.

Saly é a quarta esposa, uma “maconde nervosa”, de Cabo Delgado, também criada pelos costumes da região norte.

Mauá é a quinta esposa, menina de uns dezenove anos, uma flor silvestre nascida nos jardins do norte do seu país (p. 67). Esta mulher é de origem macua, proveniente da região norte do país, que vivia os costumes de uma tradição

monogâmica, mas que fora transformada em poligâmica devido a influência muçulmana.

Assim a narrativa de Niketche descreve a união poligâmica de Tony:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontas. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso (CHIZIANE, 2002, p. 58).

Na medida em que a leitura do romance evolui, percebemos as diferenças entre estas mulheres, observamos também as mudanças que acabam vivendo e sofrendo em decorrência deste “hexágono amoroso”. Dentre elas, a personagem que passa por mais transformações é a de Rami, pois esta foi criada conforme a formação ocidental monogâmica, em que a mulher deve servir ao homem. Rami, na medida em que conhece suas rivais e passa a viver seu casamento conforme os costumes que não são os seus passa de mulher dependente do marido a dona de si, inclusive auxiliando as outras esposas de Tony na conquista da independência, tanto física e emocional, quanto econômica.

No decorrer da leitura do romance identificamos a literatura como um meio de vivermos, mesmo que imagetivamente, a situação experimentada pelas mulheres moçambicanas, colocadas na posição de inferioridade, tanto no que diz respeito à cultura, quanto na sua relação com a figura masculina. Enxergamos este modo de ser das mulheres no seguinte trecho:

A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal (CHIZIANE, 2002, p. 18).

A mulher sente-se como um ser sem alma, um ser perdido em uma solidão que pode até matar, uma solidão que não lhe permite sequer ter uma alma sua. A personagem Rami pede a Deus, nesta passagem da obra, que a ajude a descobrir sua alma para seu rio ter força, pois acredita que deste modo ela conseguirá contornar todos os obstáculos que possa vir a ter em seu caminho: “Meu Deus ajuda-me a descobrir a alma e a força do meu rio...Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio...” (CHIZIANE, 2002, p. 18).

A imagem da mulher moçambicana, no passado, sempre foi a de serviçal, símbolo de fertilidade, aquela que deveria dar filhos ao seu marido, cuidar deles e da casa. A mulher, inclusive, deveria servir seu marido de joelhos, conforme reza a tradição, possuindo deste modo uma identidade e serventia única e exclusivamente doméstica: “Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça, nem entrar na cozinha.” (CHIZIANE, 2002, p. 126).

Chiziane descreve, por vários momentos da narrativa, a imagem da mulher sufocada, obrigada a se calar em seu próprio lar e submeter-se ao que diz a família de seu marido. Percebemos isso no momento em que Tony resolve convocar um conselho de família para queixar-se do comportamento de Rami e de suas outras mulheres. De um lado colocam-se os familiares de Rami, de outro a família de Tony e os questionamentos começam por uma tia de Tony, ao perguntar sobre como as esposas servem seu marido:

- Têm feito a comida para ele?
  - Sim – respondemos em uníssono.
  - Como lhe servem?
  - De joelhos.
  - Preparam a galinha?
  - Sim, preparamos.
  - Qual a parte lhe servem?
  - As coxas, o peito, a moela.
  - Confirmo sim. Mas não me lembro de ter comido moela nenhuma.
- (CHIZIANE, 2002, p. 152)

Neste momento da reunião a batalha inicia, pois as mulheres não estão cumprindo o que manda a tradição, que é a de servir “a moela” ao seu marido. Ao

confessarem que compram o alimento no mercado e que este não é proveniente daquela galinha criada e preparada para o marido com todo o amor que ele merece, as mulheres são questionadas quanto à educação que receberam de suas famílias. Por este motivo, as mulheres começam a ser censuradas por um velho da família de Tony, que se dirige à mãe de Rami: “Não foram educadas pelas vossas mães? A senhora não educou a sua filha?” (CHIZIANE, 2002, p. 153). Nesta passagem entendemos que as filhas devem ser ensinadas por suas mães a cuidarem de seus maridos, a servi-los caladas. Se isso não acontece, elas têm de responder à família do marido, de acordo com o que diz a tradição. O silêncio, o choro da mãe de Rami está descrito na seguinte passagem:

Cerramos as nossas bocas e nossas almas. Por acaso temos direito à palavra? E por mais que a tivéssemos, de que valeria? Voz de mulher serve para embalar as crianças ao anoitecer. Palavra de mulher não merece crédito. Aqui no sul, os jovens iniciados aprendem a lição: confiar numa mulher é vender a tua alma. Mulher tem língua comprida, de serpente. Mulher deve ouvir, cumprir, obedecer. (CHIZIANE, 2002, p. 154)

O livro de Chiziane descreve de modo singular o sentimento de inferiorização, de impotência vivido pelas mulheres em um país em que a poligamia ainda é aceita e vivida: “...entrei num choro convulsivo. Tinha dentro de mim todo negrume do céu. O meu choro era o desvendar de um mistério. Chorei em liberdade, porque chorar é destino de mulher...” (CHIZIANE, 2002, p. 156).

Ao mesmo tempo em que a autora, através das palavras de Rami, descreve o sofrimento das mulheres, também conseguimos identificar traços de uma resistência perante os homens e a sociedade em que ela vive. No momento em que as mulheres unem-se para reivindicar seus direitos perante a tradição da poligamia, estas estão rejeitando os valores em questão nesta sociedade. A personagem de Rami, deste modo, não é marcada apenas pela imagem de submissão, de sofrimento, mas ela é, acima de tudo, a imagem de uma personagem de muita força, determinação, que busca através de sua sabedoria e união com as demais mulheres de seu marido a conquista de seu espaço e a possibilidade de falar o que está vivendo e sentindo. Embora a crítica à poligamia seja evidente, identificamos um contraponto: no

momento em que Rami descobre que não vive uma união monogâmica como imaginava passa a reclamar que seja cumprida a tradição desta união a que está submetida.

A união poligâmica é legalmente aceita em algumas regiões de Moçambique, em especial no norte, é de origem árabe, e não favorece a mulher, nem no ocidente, nem na África. Isto acaba, de certo modo, fazendo com que a mulher perca ainda mais sua importância perante a sociedade, pois esta acaba ficando vulnerável, tanto no sentido econômico quanto social e principalmente emocionalmente.

## 2. A MULHER MOÇAMBICANA: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE

Os longos anos de escravização vividos pelo povo africano foram marcantes na vida tanto de homens quanto de mulheres, pois estes deveriam obedecer a imposição do domínio português. Muitas foram as influências sofridas pela cultura do colonizador: na comida, no dinheiro, nas construções, na religião, até mesmo nos hábitos do povo africano. Sendo assim, a cultura do colonizador passou a fazer parte da cultura africana, atingindo povos de Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Por outro lado, a própria cultura local, ancestral, é resistente à modernidade que passou a se inserir com cada vez mais força a partir da independência de Moçambique, num movimento associado ao que vinha ocorrendo em boa parte do Ocidente desde os anos de 1960, e o feminismo é um dos palcos em que as alterações são enormes.

No romance de Chiziane a tradição e a modernidade caminham lado a lado, criando muitas tensões entre homens e mulheres, assim como nos costumes do povo africano. Falaremos, a seguir, um pouco acerca das tensões nos costumes por este ser um tema bastante marcante na narrativa.

### 2.1 TENSÕES NA VIDA COTIDIANA – COSTUMES

A escrita de Paulina Chiziane em *Niketche - uma história de poligamia* apresenta a visão da autora em relação a um determinado período da história de Moçambique, em que esta usa o texto literário como instrumento de denúncia, na voz da personagem principal Rami, mostrando a posição ocupada pela mulher na sociedade atual, inclusive mostrando as situações de confronto social a que as mulheres se submetem em relação ao que a tradição ainda reforça, relativamente ao comportamento feminino. As mulheres moçambicanas só tinham valor perante a sociedade se fossem submetidas aos rituais impostos pela tradição.

Encontramos uma narrativa sobre os costumes a que são submetidas as

mulheres das regiões norte e sul de Moçambique. Este aspecto é mais marcante quando Rami inicia suas aulas de amor com uma conselheira amorosa, proveniente da região norte e que parece saber tudo sobre o amor, conforme descreve a personagem Rami: “...em matéria de amor ela está no alto. Invejo-a. sabe tudo sobre o amor. Deve ter vivido tudo, provado tudo e sabe de tudo...” (CHIZIANE, 2002, p. 33 - 34). A partir deste contato com a conselheira amorosa, Rami consegue perceber as diferenças entre costumes, tradições e cultura entre as mulheres de seu próprio país. Os ritos de passagem que a conselheira prega para Rami não são os mesmos que a personagem vivenciou: “Eu tive os primeiros ritos de passagem da adolescência para a juventude. Tive os segundos de noiva para esposa. Nos ritos de adolescência, trataram-me a pele com *musiro*<sup>5</sup> Nos ritos de noivado trataram-me a pele com mel.” (CHIZIANE, 2002, p. 35). A conselheira acrescenta que estes rituais de nada contribuem para a mulher, pois não a ensinam a amar, a viver. Rami explica, ao ser questionado pela conselheira: “- Frequentaste os ritos de iniciação?”. – Não – explico – o meu pai é um cristão ferrenho, de resto a pressão do regime colonial foi muito mais forte no sul do que no norte.” (CHIZIANE, 2002, p. 36).

Nos ritos da região norte, as mulheres aprendem sobre o amor, o sexo, o que, segundo a conselheira amorosa, possibilita às mulheres viverem mais felizes em seu casamento. As mulheres, através destes ritos, conseguem se conhecer antes de casarem, sem eles não são nada, apenas crianças: “Sem eles, és mais leve que o vento. És aquele que viaja para longe, sem viajar antes para dentro de si própria. Não te podes casar, ninguém te aceita. Se te aceita, logo depois te abandona” (CHIZIANE, 2002, p. 38). Segundo a tradição da região da conselheira, que segue uma linha matriarcal, as mulheres possuem voz ativa, têm algum direito e poder. Isso causa estranhamento e até mesmo fúria em Rami, pois no decorrer das aulas elas conversam sobre os mais variados temas, inclusive sobre os que na cultura de Rami não se pode falar, no caso do prazer sexual: “Enquanto em outras partes de África se faz a famosa excisão feminina, aqui os genitais se alongam. Nesses lugares o prazer é reprimido, aqui é estimulado.” (CHIZIANE, 2002, p. 44). Rami revolta-se por perceber que tudo que aprendeu com sua tradição não lhe serve de nada para a vida a dois. Rami aprendeu segredos de amor, segredos sobre a vida, compreendendo então

---

<sup>5</sup> Raiz com que se produz uma máscara de beleza.

o comportamento de algumas mulheres do norte, inclusive de uma de suas rivais, Luísa.

Assim como os ritos de iniciação são fortes na região norte de Moçambique, na região sul temos o *lobolo*<sup>6</sup> que é bastante marcante, pois o homem que não lobola a mulher, não pode ser pai e não pode realizar o funeral de sua esposa, nem dos filhos (CHIZIANE, 2002, p. 47). Estas instituições fortes resistiram ao colonialismo, ao islamismo e ao cristianismo e fazem parte da essência da tradição africana.

A *kutchinga*<sup>7</sup> também é um ritual presente na cultura destes dois povos. No texto de Chiziane, encontramos a seguinte descrição para o ritual:

*Kutchinga* é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutchinga* é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda. De repente me vem uma pergunta louca: existirá alguma mulher que, no acto de *kutchinga*, gemesse de prazer? (CHIZIANE, 2002, p. 212 - 213)

A citação acima é o pensamento de Rami acerca do ritual que lhe é imposto pela família de seu marido, supostamente morto em um acidente. Este ritual é de origem *bantu*<sup>8</sup> e refere-se ao *levirato*<sup>9</sup> que é realizado no oitavo dia após a mulher ter ficado viúva e causa o silenciamento da mulher, pois ela é vista como um objeto para o homem que está cumprindo este ritual, neste caso, o irmão mais velho de Tony. Neste ritual, a mulher é expulsa da casa onde morava, juntamente com seus filhos, a

---

<sup>6</sup> O lobolo é um costume comum na região sul de Moçambique, em que visa a união e o reconhecimento da relação conjugal. Ao contrário de que muitos dizem, não é uma venda de mulheres, mas uma forma de agradecimento e reconhecimento à família geradora da noiva. Trata-se de um presente em valores monetários aos pais da noiva.

<sup>7</sup> Prática que obriga a recém-viúva a ter sexo desprotegido com um irmão do marido, ou parente deste, de modo a purificar a mulher, afastando azares e infortúnios. É um ritual sobretudo praticado na zona rural.

<sup>8</sup> Constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsaariana que engloba cerca de quatrocentos subgrupos étnicos diferentes.

<sup>9</sup> Disposição da lei judaica, segundo a qual a mulher viúva, sem filhos, devia casar de preferência com o irmão do seu marido.

fim de restituir o dote (*lobolo*) que foi pago pelo noivo. Ao contrário do que o ritual representa em sua essência, para Rami ele é um momento de realização sexual, quase que uma vingança, pois Rami sabe que o homem morto no acidente não era seu marido Tony: “...Ai meu Deus, sinto leveza no meu corpo. Sinto um rio de mel correndo na minha boca. Meu Deus, o paraíso está dentro do meu corpo...”(CHIZIANE, 2002, p. 225). Ao sentir prazer durante o ritual de purificação, Rami então vive o *levirato* e, acaba gerando outra vida, o que significa a humilhação para Tony.

As culturas dominantes nas duas regiões de Moçambique (norte e sul), a presença de diferentes orientações religiosas e fatores ligados à luta entre a tradição e modernidade em contextos pós-coloniais também fazem parte da narrativa. Conforme estudos acerca da literatura africana, sabemos que a pressão do regime colonial foi bem mais forte na região sul que no norte de Moçambique, por isso as mulheres nortenhas seguem uma cultura bem menos rígida. A exemplo disto, conforme a obra de Chiziane, no norte as mulheres possuem um pouco mais de liberdade para a vida em sociedade, podem se vestir com roupas mais coloridas, enfeitar-se, enquanto as mulheres do sul se vestem com roupas escuras, tristes, são vistas como mulheres sem jeito, sem beleza, que servem unicamente para a reprodução. Como no mais puro costume da tradição cristã.

No decorrer do romance, encontramos referência à dança, como no caso do próprio título da obra *Niketché*<sup>10</sup>, que acontece por meio de um encontro criado pelas mulheres de Tony, utilizando a dança erótica, ensinada por Mauá: “O Tony fica atrapalhado. Somos cinco contra um. Cinco fraquezas juntas se tornam força em demasia”. (CHIZIANE, 2002, p. 143). Neste momento da leitura, nos deparamos com as mulheres utilizando um costume comum na região norte como arma para vencer o homem. “Entramos no quarto e arrastamos o Tony, que resistia como um bode. Despimo-nos, em *striptease*. Ele olha para nós. Os seus joelhos ganham um tremor ligeiro”. (CHIZIANE, 2002, p. 143). Neste momento da narrativa o domínio está nas mãos das mulheres, Tony fica impotente ao ser “atacado” pelas suas cinco mulheres, que de certo modo sentem-se superiores, vingadas. Rami indaga:

---

<sup>10</sup> Palavra de origem bantu. É uma das danças tradicionais do norte de Moçambique, ritual de amor e erotismo, desempenhado pelas meninas durante cerimônias de iniciação.

“Tony,olha para a tua seara! O amor que semeaste cresce ou não? As feridas que fizeste em cada coração cicatrizam ou não?” (CHIZIANE, 2002, p. 145). O tom com que Rami indaga seu esposo deixa-nos claro que esta quer mostrar ao marido a situação que ele próprio criou. Neste momento encontramos as mulheres dominando e não sendo dominadas pelo homem, mesmo que por meio de uma dança.

O tema da poligamia, embora seja parte do título da obra, não é abordado em sua totalidade, e sim pelo ponto de vista feminino, em especial pela mulher da região sul de Moçambique, que faz parte de uma sociedade patriarcal. A prática da poligamia é aceita e praticada publicamente na região norte de Moçambique, até porque nesta região prega-se a igualdade dos sexos, como percebemos em “no norte ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus” (CHIZIANE, 2002, p. 175), porém esta prática e posição da mulher a torna frágil, tanto no que diz respeito ao campo emocional, quanto ao financeiro:

Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo a teu lado...poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência... poligamia é o destino de muitas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória... (CHIZIANE, 2002, p. 91- 92)

A poligamia se configura em um sistema matrimonial em que o homem pode ter várias mulheres como esposas, assim como no costume árabe. Em Moçambique esta prática era bastante comum pelo fato dos povos viverem reunidos em aldeias. Quanto maior fosse o número de esposas, mais prestígio social o homem teria diante da sociedade. A poligamia, deste modo, acaba gerando situação de desequilíbrio entre homens e mulheres, pois a elas apenas caberia aceitarem a decisão dos homens e da sociedade. Porém, esta prática não cria apenas desequilíbrio, mas em um país onde as doenças, como a malária e a AIDS são frequentes, esta prática também é vista como disseminadora de casos de AIDS, causando muito sofrimento para as famílias. Somente partir dos anos 60 é que começaram a surgir políticas para o combate da poligamia, através da FRELIMO e, posteriormente, por meio de campanhas governamentais.

### 3. A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Neste capítulo de nosso trabalho falaremos sobre a importância do uso da escrita como meio de ruptura com o estado de submissão imposto pela tradição ancestral sulina e pelo colonizador à população africana, em especial às mulheres. Isso porque sabemos que o importante em uma obra literária é a qualidade e não o fato de ser escrita por homens ou mulheres.

A literatura feita por mulheres por muito tempo foi considerada inferior, sentimental e pueril, justamente pelo fato de estar relacionada a questões íntimas e domésticas, diferentemente da literatura de autoria masculina, conhecida por abordar temas “mais importantes”, tais como: economia e política.

Sendo assim, desde os primórdios, a mulher só seria reconhecida se fosse esposa de algum homem que tivesse posses e influência, nunca pelo seu talento. A prática literária quase sempre foi realizada por homens, deste modo eles estabeleceram os conceitos, a teoria sobre a posição da mulher na sociedade em que vive e a representação do feminino. Talvez por isso, na literatura escrita por homens, geralmente, observamos a mulher como submissa, objeto da escrita e não autora de suas histórias. Em *Niketche - uma história de poligamia*, a mulher sai da posição de objeto, onde geralmente foi colocada também pela Literatura, e passa a ser autora de sua própria história, podendo narrar suas vivências conforme a sua visão, a sua condição, sempre de minoria, de exclusão e de submissão. Passa-se a olhar o mundo a partir do ponto de vista dos discriminados e marginalizados. A busca de Rami pela independência se equipara à busca da independência pelo colonizado, aquele que sofreu pela ação do colonizador, ou seja, o processo de colonização aconteceu porque houve a imposição de valores de uma minoria (o colonizador português) em relação à maioria do povo moçambicano.

A literatura moçambicana, especificamente a de autoria feminina, está em constante processo de aceitação e reconhecimento e apenas a partir do séc. XX é que começamos a notar um maior número de autoras publicando suas obras. Não esquecendo, é claro, que tudo se iniciou com a poesia. Autoras como Alda do Espírito Santo e Noêmia de Souza foram as precursoras da poesia dos excluídos em

seu próprio país; na voz de Alda do Espírito Santo a poesia “É nosso o solo sagrado da terra”, encontramos a denúncia do estado de exílio sofrido pelo povo africano; Noêmia de Sousa, em “Sangue negro”, descreve a imagem dos excluídos em busca de igualdade, levantando questões acerca de raça, classe e gênero. Estas autoras iniciaram seu trabalho como escritoras (poetisas) entre 1949 e 1953 e embora em muitas de suas poesias encontremos padrões canônicos, percebemos também a tentativa de mudar a história da literatura africana, criando textos à sua maneira de ser e de viver em um mundo predominantemente dominado pelo poder patriarcal. Até então a escrita literária era de domínio estritamente masculino, que acabava silenciando a voz das mulheres. (PADILHA, 2002, p. 171 – 180)

Em meados de 1999 surge Paulina Chiziane com sua escrita particular, utilizando muita da oralidade de seu povo. O olhar feminino na obra, a autoria, a perspectiva da autora com relação a sua própria condição, a veracidade e a emoção descritas por Paulina Chiziane ajudam a construir a obra tal como ela é: simples, porém singular. A autora consegue transmitir, através de sua escrita e de suas personagens a situação das mulheres na sociedade moçambicana pós-colonial fazendo, por vários momentos da obra, uma denúncia contra a exclusão e a violência, além de nos mostrar a sua luta pela igualdade entre homens e mulheres. Deste modo temos a literatura como um ato de resistência. A escrita feminina traz à tona uma realidade diferente e, por este motivo, temos uma visão diferenciada do país, da sociedade e até mesmo dos sentimentos. É a figura feminina que surge como construtora de sua própria história e identidade, numa luta constante com a tradição que lhe é resistente.

Chiziane escreve uma narrativa com linguagem que foge à escrita tradicional imposta pelo colonizador português, passando a uma expressão bastante coloquial, próxima à oralidade. Esta presença marcante da oralidade na escrita da autora talvez possa ser justificada inclusive pelo meio em que a mesma viveu, bem como pela cultura predominante em seu povo, tanto no que diz respeito às danças, quanto à música.

A autora na obra *Niketche - uma história de poligamia* leva-nos a refletir acerca da luta da mulher moçambicana na conquista do seu espaço e na construção de sua própria identidade, na sociedade atual. A narrativa ficcional de Paulina

Chiziane traz à tona uma nova voz, na medida em que elimina a possibilidade do esquecimento, das incertezas com que a figura feminina se confronta, dando espaço à exposição das experiências vivenciadas pelas mulheres, através da voz de Rami, uma personagem que ultrapassa os limites da submissão quando começa a questionar a tradição e o patriarcalismo e inicia o processo de transgressão. Ao dar início à este processo, a mulher moçambicana, representada por Rami, inicia também uma redescoberta de si mesma, a conduzindo às mudanças de posição ocupada pela mulher no contexto da narrativa. Estas experiências culminam com as transições identitárias e constituem traços significativos para a compreensão de questões tanto históricas quanto culturais do país.

A obra *Niketche* possibilita-nos realizar o debate acerca da luta da mulher na conquista de seu espaço, a sua busca na construção de sua própria identidade e a busca de um lugar, um novo lugar na sociedade moçambicana, pós-colonial, também para o gênero feminino. É Rita Schmidt que explica qual o alcance de tal escrita:

A literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura. Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria “mulher”, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante. (SCHMIDT, 1995, p.188)

Ainda diante desta particularidade em que temos o texto literário como elemento da construção da identidade de gênero e como objeto de denúncia dos conflitos existentes entre tradição e modernidade, no que diz respeito às vidas de homens e mulheres, aponta Inocência Matta:

Agora as escritoras parecem querer ir para além da construção da Nação solapando-a: considerando o tangenciamento entre feminino e mulher, pode afirmar-se que trazem para a cena literária o sentimento individual em toda a sua plenitude ( que não apenas aquela que revela do político-ideológico ) e

querem expandi-lo para lá do nacional e atingir primeiro a condição feminina, depois a condição humana, sem descurar a discussão incômoda dessa condição nas relações internas de poder que trazem ainda a marca da inquietação, numa garimpagem, ainda e sempre, de um “eu” profundamente interior. ( MATTA, 2007, p.430)

A partir da conquista ao direito de se posicionar em relação à sua vida, à cultura e à política, através da escrita, as mulheres aos poucos começam a conquistar e garantir seu espaço em sociedade. A respeito disso, escreve Rita Schmidt:

Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria *mulher*, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (SCHMIDT, 1995, p.188).

A emergência da escrita feminina, que durante muito tempo teve sua voz silenciada, causa até hoje desarticulação da visão canônica, isto devido ao nosso passado literário que é quase que exclusivamente de ideologias patriarcais. A visão da mulher no romance é crucial na abordagem de temas como: sexualidade, casamento, identidade, cultura, etnias, por ser narrado por uma escritora legitimamente africana que contesta o poder local de seu país neste texto bastante provocativo, pois Paulina Chiziane faz suas escolhas linguísticas de acordo com o universo que a rodeia, podendo ser visto como um espelho que mostra a vida das mulheres. Isso faz do livro uma obra atrativa, recheada de ironia e com uma linguagem bem próxima da oralidade, chamando a atenção dos leitores pela sensibilidade, o modo de ver o mundo que se reflete na escrita da autora. O uso que a autora faz da oralidade em sua escrita nos permite ver a tradição secular de seu povo, que muitas vezes foi deixado de lado pelo efeito causado pela língua do colonizador. Assim, Isabel A. de Magalhães afirma:

A escrita feminina tem revelado, a nível da linguagem e a muitos outros,

facetas e possibilidades novas na criação literária: tem contribuído, por exemplo, para dar voz à experiência das mulheres e ao inconsciente feminino, deixados mudos pela cultura (masculina) dominante. (MAGALHÃES, 1995, p. 11).

### 3.1. TENSÕES NA PRODUÇÃO LITERÁRIA

O campo da literatura e das artes também foi atingido pela colonização, o que acabou causando a desvalorização dos escritores africanos, por estes não se encaixarem nos moldes da língua e da expressão literária portuguesa. Refletindo sobre estas tensões relacionadas à escrita feminina, podemos dizer que a tradição impôs a escrita como uma convenção de domínio masculino predominante. Mas se existe uma maneira de pensar e estar diferenciada entre homens e mulheres, por que na escrita essa diferença deveria ser silenciada? Essa diferença começou a ser identificada a partir de metade do século XX, período este em que as mulheres de sociedades contemporâneas passaram a ter a coragem de se manifestar.

A escrita feminina por muito tempo foi vista com valor inferior, justamente por lidar com sentimentos, ao invés de abordar assuntos comuns à literatura masculina, tais como política, guerra, etc.

Em “*Um teto todo seu*” de Virgínia Woolf, escrito em 1923 fica evidente a indignação da autora com relação à desigualdade existente entre homens e mulheres:

Por que os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? (WOOLF, 1923, p. 35).

A escritora Virgínia Woolf defendia a mulher como detentora do signo linguístico, dona de suas próprias palavras, tendo direito, assim como os homens, de dar vazão à sua identidade, tal como ela é. Em *Niketché – uma história de poligamia*, escrito após sete décadas, Paulina Chiziane ressalta os sentimentos de abandono,

angústia, dor, fragilidade, injustiça, esperança e alegria de dentro do universo feminino. A autora, deste modo, não aceita a imagem limitada de um ser inferior, incapaz de fazer suas próprias escolhas, tanto no âmbito social, afetivo, quanto da escrita que lhe foi negada desde os primórdios.

E como o romance tem essa correspondência com a vida real, seus valores são, numa certa medida, os da vida real. Mas é óbvio que os valores das mulheres diferem, com frequência, dos que foram feitos pelo outro sexo; isso acontece, naturalmente. E, no entanto, são os valores masculinos que prevalecem. (WOOLF, 1923, p. 97)

Neste trecho escrito por Woolf, identificamos o que realmente se passava em 1923, o domínio masculino sobre as mulheres em todos os sentidos e ainda mais na prática literária. Conforme Woolf (1923, p. 87) “apenas no início do séc. XIX, pela primeira vez, encontramos diversas prateleiras inteiramente dedicadas às obras de mulheres”. Mas este domínio foi sendo extinto com o passar dos anos, quando as mulheres começaram a conquistar seu espaço, ao menos no contexto europeu. No capítulo IV de *Um teto todo seu* (Woolf, 1923), escreve que no séc. XVI nenhuma mulher poderia ter escrito poesia. As mulheres eram nobres por nascimento e não por seus escritos:

Ah, mas eles não podem comprar a literatura também! A literatura é franqueada a todos. Recuso-me a permitir que você, por mais Bedel que seja, me mande sair do gramado. Tranque suas bibliotecas, se quiser, mas não há portão, nem fechadura, nem trinco que você consiga colocar na liberdade de minha mente. (WOOLF, 1923, p. 99)

Entendemos após a leitura deste trecho que a mulher quer a sua liberdade, quer transformar a situação em que vive e romper com os padrões impostos pela sociedade patriarcal ao qual esta submetida. Ao sentir-se capaz de produzir textos que até então só ao homem era dado o direito, a mulher começa a conquistar seu espaço, rompendo com os padrões literários, contornando então a situação de

inferioridade que lhe aprisionou por um longo tempo.

Ainda abordando sobre as tensões nas produções literárias, não podemos deixar de citar “*Novas cartas portuguesas*”, que no contexto de Portugal das últimas décadas foi a primeira obra claramente feminista que, como nos diz Isabel Allegro de Magalhães (1995, p. 22) “teve o fim previsível: foi retirada de circulação imediatamente e as autoras foram condenadas a um processo judicial”. Mesmo assim, com o passar do tempo, teve uma grande recepção internacional, principalmente entre as escritoras e críticas literárias. A obra foi traduzida em cerca de 10 idiomas e, chegando a Paris, passou a ser utilizada como ponto de referência de destaque no pensamento e na literatura de mulheres, tanto na Europa como nos Estados Unidos.

A mulher também teve de se anular durante o período da ditadura militar; quase nunca podia utilizar de seu nome verdadeiro, devido as perseguições que poderia sofrer. Noêmia de Souza, já citada anteriormente, neste contexto colonial foi reconhecida como poetisa por seu povo pelo fato de escrever seus protestos em forma de poesia, mas teve de utilizar-se de vários pseudônimos, dentre eles o de “Vera Micaia”. O uso de pseudônimos era para evitar as repreensões da ditadura, por esta não aceitar a disseminação, ou até mesmo a valorização de outras raças, com outros valores e culturas distintos dos já existentes, que foram trazidos pelo branco colonizador.

### **3.2 A ESCRITA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO**

“Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético”.

(BOSI, 2008, pág. 118)

Abordaremos neste subcapítulo acerca do tema a escrita como uma forma de resistência, por entendermos que a autora, ao escolher abordar assuntos como

tradição, modernidade, poligamia, as diferenças entre homem e mulher e até mesmo na elaboração das situações vividas pelas personagens, nos deixa óbvio o que realmente quer abordar, trazendo à tona a tensão interna vivida pelas mulheres. Na sua escrita, Paulina Chiziane sugere o seu ponto de vista, como mulher moçambicana que é, que viveu e ainda vive o que lemos nas linhas de seu romance. É a vida, o cotidiano de seu povo que são levados para o mundo através da literatura. Esta realidade muitas vezes causa um estranhamento para alguns críticos, por não ser uma escrita que se prende ao cânone, mas que aborda temas comuns ao dia-a-dia do povo africano, em especial das mulheres, e também por apresentar traços da oralidade na escrita, bem como a resistência da tradição em meio às mudanças trazidas pelas últimas décadas.

A autora Paulina Chiziane faz parte do grupo de escritores engajados, produtores de literatura de resistência e ruptura. Estes escritores encontraram um modo particular de abordar as tensões causadas pela modernidade vividas por seu povo, bem como as tensões internas vividas pelas mulheres, que assim como ela viveram e ainda vivem o peso da inferiorização.

Nas linhas de seu romance, lemos a vida, o cotidiano das mulheres, trazidos para nós, leitores, através da literatura, tal como nos diz Alfredo Bosi:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico (BOSI, 2008, p. 134).

Sendo assim, a escrita de Paulina Chiziane une o vivido pelas mulheres em meio ao que lhes é imposto, tanto pela sociedade quanto pela figura masculina. Identificamos a mulher que se sente presa às formas tradicionais, neste caso, a cultura milenar de seu povo, mas que luta pela mudança, que se dá através da conquista de sua independência. A questão da independência individual também faz parte da produção literária em Moçambique e causa ainda muitos questionamentos entre pesquisadores desta área.

Não podemos falar em resistência sem citar alguns autores consagrados principalmente a partir de 1950, que foram decisivos no estabelecimento da literatura africana de expressão portuguesa, ainda em processo. Destacamos três tendências que se esboçaram com o advento da luta armada: a literatura de combate, a de ghetto e a de diáspora (LARANJEIRA, 1995, p. 18 - 21). Na primeira tendência, que foi feita de e para a guerrilha, encontramos os nomes de Pepetela, Costa Andrade, Jorge Rebelo e Sérgio Vieira. A segunda tendência, que era publicada na forma de críticas nas próprias colônias, foi ilustrada pela presença de Jofre Rocha e Davi Mestre. E na terceira tendência, que foi a de diáspora, encontramos a presença de Agostinho Neto, Henrique Abranches e Uanhenga Xitu. Deste modo, a literatura africana revela-se, sobretudo, através da autoria masculina. Porém, não somente através da literatura de autoria masculina, identificamos a resistência também através da escrita de autoria feminina que busca criar um espaço para abordar a sua subjetividade de sujeito feminino marginalizado. Paulina Chiziane, através de seus contos, poemas e romances consegue criar uma resistência social e cultural desafiando, por muitas vezes a crítica. A autora questiona as grandes diferenças existentes entre homens e mulheres, entre a sociedade em geral, na educação, afirmando que estas diferenças são causadas pela opressão do seu sexo. Ao questionar estas diferenças e abordá-las por meio da literatura, a autora propõe reflexões acerca das questões de gênero e classe no meio em que vive, as quais podemos entender como sendo um ato de resistência.

Conforme Maria Teresa Salgado “é notória a tentativa de barrar a escrita literária africana pelo cânone ocidental; graças aos movimentos culturais desde o início do século a mudança começou a acontecer” (SALGADO, 2001, p. 151). A transformação deu-se também através de protestos, revoltas de vários autores e autoras que narraram, através da escrita, sentimentos de descontentamento e angústia antes silenciados. Sendo assim, a escrita passou a ser uma mola propulsora para a existência dessa escrita de resistência.

Paulina Chiziane e outros nomes reconhecidos na literatura africana de língua portuguesa começaram a questionar o discurso patriarcal e do colonizador, iniciando então a quebra de tabus em relação às leis impostas e à conduta da sociedade em relação à classe marginalizada, dentre ela, as mulheres. O questionamento da autora

em suas narrativas é acerca da diferença, da desigualdade que existe entre homens e mulheres, buscando então a igualdade entre ambos. Essa busca por paridade através da escrita faz com que aconteçam rupturas, fortalecendo o surgimento de movimentos femininos e também de estudos acerca deste tema tão atual, que é a escrita de autoria feminina.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Niketche - uma história de poligamia* já está em sua quinta edição e foi vencedor do Prêmio Literário José Craveirinha em 2003, uma das maiores distinções literárias em Moçambique. É sobre ele que elaboramos algumas conclusões.

Com base na análise da obra, levantamento bibliográfico sobre a autora e seus textos, e todo um trabalho de pesquisa realizado por mais de um ano através de leituras de livros, *blogs*, *sites* e diversos artigos entendemos que a autora, além de apresentar um comprometimento com a sua escrita, o tem também em relação à humanidade, à sociedade em geral e aos homens e mulheres que vivem inseridos na instabilidade imposta pela dominação colonial europeia. Podemos dizer que a obra nos mostra a imagem da mulher universal, não apenas da mulher africana, pois identificamos na narrativa as diversas formas de organização familiar, em que nos é mostrado em particular o modo de domínio do homem perante a mulher.

No âmbito literário, o nome de Paulina Chiziane vem se destacando de maneira significativa, não apenas por abordar temas relacionados à vida das mulheres, mas por abordar a temática da identidade cultural de seu povo. Em um país de tradição oral como Moçambique, escrever um livro é privilégio para poucos, ainda mais na condição de Chiziane, por fazer parte do grande número de mulheres, negras, africanas de origem rural, que eram e ainda são barradas na área da educação, da política e da literatura.

A escrita de resistência é uma das marcas de muitos autores africanos, por isso a importância de trazermos ao conhecimento do maior número de pessoas esta literatura de língua portuguesa produzida na África. Esta produção literária serve como meio de incentivar as mulheres a lutarem por seu espaço, por sua própria existência como seres humanos com direitos iguais aos homens. Com sua escrita, Paulina Chiziane derruba os alicerces das convicções de uma maioria (cânone e patriarcalismo) e, na medida em que acontece a degradação do personagem Tony, começa também a cair o mundo patriarcal dos povos do sul e a mulher passa a ter vez, tudo isso representado na prática literária.

Por meio da leitura e análise do romance *Niketche - uma história de poligamia* conseguimos mergulhar no universo de Moçambique e viver, junto com as mulheres, as suas dores, angústias, tristezas que lhes são causadas pela condição de inferioridade em que vivem. Além disso, conseguimos também assimilar os modelos de tradições, as marcas da oralidade presentes na obra e a imagem da moçambicanidade construída com o passar dos tempos também na literatura.

A literatura africana destaca-se por abordar a temática da identidade cultural do povo, mas também é reconhecida por trazer um questionamento acerca da imagem da mulher moçambicana e o seu lugar diante da sociedade em que vive. Paulina Chiziane, assim como outras poucas escritoras africanas, busca a conquista de seu espaço, a constituição de sua identidade e a de muitas mulheres, que querem provar que tem voz, que tem vontades e capacidade de recriar sua identidade social. E é essa identidade que a mulher moçambicana busca, a sua própria identidade e reconhecimento e não uma identidade submetida à escravidão do homem e do colonizador.

Na escrita de autoria feminina, não somente o cânone é posto em xeque, mas as mulheres africanas buscam também um critério novo, com bases diferentes para a análise e recepção de suas obras. Isso porque a mulher, ao escrever, desconstrói o que na literatura é fixo e irredutível. Ao desatar os nós que prendem o tradicional ao masculino, as mulheres estão fazendo emergir práticas, tanto sociais quanto discursivas que entram em atrito com o saber e o poder do homem branco ocidental. (VICTORINO, 2001, p. 222)

A escritora consegue unir, através da sua escrita, o canto e a dança que são aspectos marcantes da cultura africana; talvez isso justifique a presença marcante da oralidade. A dança de Paulina Chiziane em *Niketche* é uma dança feita pelas mulheres, na qual a autora consegue construir e desconstruir as relações, tanto sociais quanto afetivas entre homens e mulheres, invertendo os papéis. O domínio agora em *Niketche* não está nas mãos dos homens, mas segue o ritmo e a voz feminina, através da personagem Rami.

A lição que nos deixa a autora é que as mulheres unidas podem mudar o mundo em que vivem, podem lutar pelo seu espaço e independência, conseguindo

então fazer parte de uma sociedade em que o domínio é quase que exclusivamente masculino.

A literatura produzida por Paulina Chiziane merece destaque por ser um veículo simbólico que nos permite chegar à história vivida pelas mulheres moçambicanas, nos deixando transitar pelo universo do tradicional e do moderno, em um país que vive um processo de transformação tanto cultural quanto social e econômica. O texto de Chiziane dramatiza momentos históricos de Moçambique, pautados em seu conhecimento e vivência do tema, pois a autora mostra ter domínio do que está abordando no enredo. Na voz de Rami, a autora faz questionamentos, em busca de respostas para suas dúvidas em relação à sociedade em que vive, à tradição e à imposição patriarcal. Através da leitura de *Niketche* conseguimos perceber o sentimento de inferiorização vivido pelas mulheres e o sofrimento imposto pelo costume da poligamia, ainda praticado na África.

Na maioria das literaturas dos países em geral, muito poucas foram as mulheres que conseguiram obter destaque em seus trabalhos. O que dizer da escrita feminina africana? Esta que foi e ainda é quase inexistente no país, desde o período colonial. Sendo assim, o ato de escrever um romance significa algo de extrema importância para escritoras como Paulina Chiziane, representando um projeto essencial na construção da imagem da mulher moçambicana.

O ato de escrever para Paulina Chiziane é o de denunciar as injustiças, buscar a igualdade entre homens e mulheres, resistir ao que a tradição da região sul de Moçambique impõe. É expressar, através da escrita, os sofrimentos das mulheres moçambicanas, mas acima de tudo, o ato de escrever de Chiziane nos remete à esperança das mulheres de viverem dias melhores. A contemporaneidade torna mais flexível o papel de homens e mulheres na sociedade em que vivem, o que permite atualmente à mulher fazer suas próprias escolhas e não se conformar a fazer ou ser o que lhe é imposto.

A obra escolhida como objeto de análise neste trabalho foi escrita em um período de descolonização, ou seja, nos novos tempos de Moçambique, por uma mulher negra que, ao narrar uma das tantas histórias que podem existir acerca do tema da poligamia, convida os leitores a refletirem sobre variados assuntos como:

identidade, mulher e a tradição, segundo a visão feminina.

A modernidade traz a possibilidade de ascensão para as mulheres, o que acaba criando novas formas de pensamento e de comportamento. A batalha entre tradição e modernidade faz parte do pós-colonialismo, causando tantos choques por trazer à tona um novo modelo que pode ser seguido pelo povo africano, conseqüentemente pelas mulheres.

A luta em busca de constante reconhecimento e integração das mulheres marginalizadas à sociedade é um dos objetivos das literaturas pós-coloniais. A mulher, ao perceber o valor de sua fala e o peso da sua escrita, ganha lugar na literatura e voz em um mundo em que sempre deveria manter-se em silêncio.

**REFERÊNCIAS**

- ABDALA, Benjamin. **De vôos e ilhas – Literatura e Comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- CHAVES, Rita. MACÊDO, Tânia. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche - uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Lisboa: Caminho.
- DUARTE, Lima C. **O cânone e a autoria feminina**. In: SCHMIDT, Rita. **Mulheres e Literatura – (Trans) Formando Identidades**. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). **As mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- LARANJEIRA, P. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Vol. 64. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- MAGALHÃES, Isabel. **O sexo dos textos**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- MATA, I. & PADILHA, L.C. (orgs). **A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- PADILHA, Laura C. **Novos pactos, outras ficções: Ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PADILHA, Laura C. **Um jogo de dissimulações: a fala poética de Paula Tavares**. In: JORGE, Sílvio Renato; ALVES, Ida Maria S.F. (orgs): **A palavra silenciada**. Rio de Janeiro: Editora Vício de Leitura- UFF, 2001.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Rio de Janeiro. EDUFF, 1997.

RODRIGUES, Odiombar. Ensaio: **Eva Luna, guerrilheira da palavra** (p. 170 – 181). In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org). **Rompendo o silêncio – Gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFGRS, 1995.

SALGADO, Maria Teresa. **Antonio Jacinto e a luta contra o silêncio** (p.151 – 159). In: JORGE, Sílvio Renato; ALVES, Ida Maria S.F. (orgs): **A palavra silenciada**. Rio de Janeiro: Editora Vício de Leitura- UFF, 2001.

SCHMIDT, Rita. Ensaio: **Repensando a cultura, a literatura e espaço da autoria feminina** (p. 182 – 189). In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org). **Rompendo o silêncio – Gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFGRS, 1995.

SOUZA, Lynn, MENESES, Mario T. de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha**. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

VITORINO, Shirlei C. **Entre vozes silenciadas: o grito poético de Paula Tavares**. In: JORGE, Sílvio Renato; ALVES, Ida Maria S.F. (orgs): **A palavra silenciada**. Rio de Janeiro: Editora Vício de Leitura- UFF, 2001.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1985.

Sites consultados:

BRAGA, Samantha. **Na dança das convenções: uma leitura do romance Niketche: Uma história de Poligamia, de Paulina Chiziane.** Disponível em: [http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02\\_2007/06\\_artigo\\_de\\_samantha\\_simoes\\_braga.pdf](http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2007/06_artigo_de_samantha_simoes_braga.pdf) acesso em 13/04/2012

FERRO, Raquel. **A voz feminina: constituição da literatura pós colonial moçambicana.** Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador> acesso em: 21/03/2012

<http://www.hsph.harvard.edu/population/domesticviolence/mozambique.violence.08.pdf> acesso em 23/08/2012.

<http://www.wikipedia.org/josinamachel> , acesso em: 25/08/2012

<https://www.anamartins.info/docs/paper.ecas2009.pdf>, acesso em: 15/07/2012

<https://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa4/a-participacao-das-mulheres> acessado em 07/10/2012

Revista do Núcleo Estudos de Literaturas Portuguesa e Africana da UFF, vol. 1, nº 1 Agosto 2008. <http://www.uff.br>, acesso em: 17/02/2013

[www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br) acessado em 09/04/2013